



Nuno Costa Santos

Na corrente das notícias

“Uma notícia sobre as práticas culturais na Região, bastante abaixo da média nacional, reveladas num estudo da Gulbenkian. Pouca leitura, escassas visitas a monumentos, idas ao cinema e a concertos de música clássica.”

Uma notícia sobre um barco, um navio mercante, que seguia em direcção aos Estados Unidos da América. Ficou-se a saber.

Do cargueiro Felicity Ace, com bandeira do Panamá, que ficou em chamas ao largo do arquipélago dos Açores, perto da ilha do Faial, salvaram-se os 22 tripulantes, resgatados pela Marinha mas não os 3965 veículos do grupo Volkswagen com destino aos EUA, com um valor de mais de 100 milhões de euros.

Entre as viaturas estavam carros das marcas Volkswagen, Porsche, Audi e Lamborghini.

Surge-me a imagem de um cardume de carros de luxo a descer as camadas marítimas, cruzando-se, no trajecto, com as espécies destes mares.

Cachalotes, golfinhos, lulas, congros, anchovas a abrirem caminho para a descida destes veículos.

Noutra notícia, de ontem, ficou-se também a saber que o próprio barco se afundou, juntando-se aos destroços das viaturas no fundo do mar, já invadidas, por certo, pelas espécies mais curiosas. Turistas do chão do oceano.

Uma notícia sobre a discriminação de que o jogador Licoln, craque do Santa Clara, foi alvo no jogo com o SC. Braga, no estádio deste clube.

Durante a partida, o médio ouviu adeptos do Braga a, segundo os jornais, “imitar sons de macaco”.

Percebi pelas palavras que escreveu nas redes sociais que não é só craque de bola.

Também é craque de coração. Não se interessa pelas sanções que possam ser avançadas pela Liga.

Apenas diz: “Aos responsáveis pelos atos apenas uma mensagem de verdade do fundo do meu coração: Deus vos abençoe». Deus vos abençoe. O mesmo Deus que, para os crentes como ele, lhe terá dado um talento superior, um modo de lidar com a bola de quem vem com a predestinação de cativar estádios.

Eu, adepto, confesso-me deslumbrado quando pega na bola, finta este e aquele, com uma elegância e eficácia muitas vezes cruéis para com os adversários, e avança para a grande área, realizando, com destemor, a sua capacidade ofensiva.

Poucos sabem do passado deste jogador, nascido em Porto Alegre, terra aonde chegaram sessenta casais açorianos em 1752, que fez parte das selecções jovens do Brasil.

Depois de ter sido topado por Luiz Felipe Scolari, aos 16 anos, entrou em campo para representar o Grémio de Porto Alegre e aos 17 anos tornou-se o mais jovem jogador do Grémio a marcar um golo na Copa Libertadores, ultrapassando o génio Ronaldinho Gaúcho, que o fez aos 18. E foi considerado, em 2015, pelo Guardian, uma das grandes promessas futebolísticas do mundo. Agora é do Santa Clara, cada vez mais sólido e competitivo na representação açoriana no campeonato. Se calhar não devia estar a alinhar tantos feitos, aumentando a cobiça de outros clubes. Mas o menino merece.

Uma notícia sobre o vinho Czar que foi o único dos Açores a ser distinguido pela revista vinhos - está entre os 30 vinhos considerados de excelência pela publicação.

Aos métodos imediatos prefere-se a tradição de vindimar as uvas no ápice do seu amadurecimento com elevados teores alcoólicos por causa da lenta fermentação. E traz consigo, o vinho, uma história que inclui envios de litragens para São Petersburgo encontradas, quase um século depois, nas adegas do último czar, Nicolau II. A revista Forbes já havia elogiado, em 2021, o Czar. Com notas positi-

vas sobre o facto de a vinha ser “um labirinto gigante de paredes de pedra de lava negra, construída para manter as plantas aquecidas” e a colheita ser feita à mão.

O gesto do reconhecimento rima com a iniciativa do parlamento dos Açores de aprovar, por unanimidade, a criação do Instituto da Vinha e do Vinho dos Açores. É por aqui? Parece-me que sim.

Uma notícia sobre as práticas culturais na Região, bastante abaixo da média nacional, reveladas num estudo da Gulbenkian. Pouca leitura, escassas visitas a monumentos, idas ao cinema e a concertos de música clássica.

Muitos pontos a desfavor, a motivar preocupação e, para quem não sucumbiu ao torpor do pessimismo, vontade de procurar formas de superar o atraso.

Preocupações abstractas dispensam-se. É preciso orçamento - e não os cortes do costume, com destaque mediático. É decisivo acabar com a conversa mole do “é preciso apostar na educação”.

Valorizar o que se faz cá de melhor (como se faz com o Czar, sim), o que chega com valor. Fazer das ilhas um território comum de partilha de artes do espectáculo, que favoreça a itinerância dos eventos. Tanta coisa. Mas é necessário ir além das tão belas intenções.

Daqui a um tempo, vai chegar novo estudo e espera-se que o coro de lamentos seja menos exuberante e justificado.

Pontos a favor. Vasta adesão às festas locais - 48 por cento dos inquiridos nos Açores aderem às festividades populares. Que bom saber valorizar o que se tem - e não passar a vida a cobiçar as festas que aparecem na televisão e na internet.

Que bom descer à rua para imergir em práticas culturais que fazem conviver gerações, o religioso e o profano, a mesa, o copo e a partilha.

Outro: mais leitura de jornais regionais em relação ao que acontece nas regiões do continente.

A nossa circunstância regional, a nossa autonomia, a nossa especificidade apartada pelo oceano, o nosso conhecido histórico no que toca à imprensa, dá uma importância maior, local e regional, aos nossos jornais.

Admito-me privilegiado por poder, pela manhã, ler o Diário Insular, o Diário de Notícias e o New York Times.

O Diário dos Açores, o Público e o Guardian.

O Incentivo, o i e o Figaro. O Açoriano Oriental, o Observador e o El País.

O Atlântico Expresso, o Expresso e o Financial Times de fim-de-semana. Este alinhamento é apenas exemplificativo.

O que quero dizer é que me é fundamental ler, em cada dia, jornais regionais, nacionais e estrangeiros.

E que o condimento da leitura das publicações regionais torna-me um leitor mais completo. Mais rico.

Ao lê-las procuro, através das penas deste lugar, perceber a minha praça e a minha paisagem política, social e cultural, os seus acontecimentos, as suas tensões e possibilidades.

Depois passo às ocorrências e aos diagnósticos macro - primeiro do país e depois do mundo.

Conto da minha experiência mas sei que é a experiência de muitos leitores açorianos. Temos, pela imprensa de cá e de fora, a possibilidade de discutir, com a propriedade de quem segue as penas dos lugares, a situação da Calheta Pêro de Teive, o problema da seca no país todo e o discurso de Joe Biden no “Estado da Nação”.

Privilégio de poucos.